

----- MANDATO 2025-2029 -----

----- ATA DA 1<sup>ª</sup>. REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA  
----- CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, REALIZADA  
----- EM 2025-11-25, NO PALÁCIO DOS MARQUESES  
----- DA PRAIA E DE MONFORTE, NA MEALHADA EM  
----- LOURES -----

-----  
--- O Sr. Presidente da Câmara declarou aberta a reunião, eram dezoito horas,  
com a presença inicial da Sr<sup>a</sup>. Vice-Presidente, das Senhoras Vereadoras e dos  
Senhores Vereadores: -----

----- ANDRÉ FILIPE REIS ANTUNES-----

----- ANTÓNIO MANUEL LOPES MARCELINO -----

----- BRUNO MIGUEL DE OLIVEIRA NUNES-----

----- NELSON CÉSAR GONÇALVES BATISTA-----

----- NUNO RICARDO CONCEIÇÃO DIAS-----

----- PAULA ALEXANDRA FLORA DA COSTA MAGALHÃES -----

----- PATRÍCIA ISABEL MORGADO DE ALMEIDA -----

----- VASCO ANTÓNIO PINHÃO RAMOS TELES TOGUINHA -----

-----  
--- Da Ordem do Dia previamente distribuída, constava o assunto seguinte:---

----- PONTO ÚNICO: SESSÃO COMEMORATIVA DO 25 DE NOVEMBRO DE 1975 -----

----- **I - PERÍODO DA ORDEM DO DIA:** -----

----- PONTO ÚNICO: SESSÃO COMEMORATIVA DO 25 DE NOVEMBRO DE 1975 -----

-----  
--- Sobre este ponto, foram proferidas as seguintes intervenções:-----

O SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA: Senhores Vereadores, vamos dar início à nossa Reunião Extraordinária da Câmara de Loures, neste caso, uma sessão solene evocativa dos cinquenta anos do 25 de Novembro, de mil novecentos e setenta e cinco, e começava por cumprimentar os nossos convidados, designadamente, o senhor Presidente da Junta de Freguesia de Loures, o Chefe Coordenador Manuel Rodrigues em substituição do Comandante da PSP de Loures, os senhores deputados municipais, empresas municipais, Assembleia de Freguesia de Loures, bem como os munícipes que quiseram estar presentes e os que nos acompanham via canal Youtube. ----- Dar nota que a CDU avisou que não iria estar presente, e dava a palavra ao senhor Vereador Nelson Batista.-----

---

O VEREADOR, SENHOR NELSON BATISTA: Senhor Presidente, começava por cumprimentá-lo, assim como à senhora Vice-Presidente, senhoras e senhores Vereadores, senhoras e senhores deputados municipais, demais entidades civis e militares, ilustres convidados, no fundo, todos os presentes, bem como os ausentes, nesta sessão solene do 25 de Novembro, quinquagésimo aniversário. -----

Não vamos ignorar a questão, nem fazer de conta que não existe. Há quem tema que a sessão de hoje, sirva para comparar datas e acontecimentos. Há quem tenha receio, que esta cerimónia possa, de alguma forma, desvalorizar o 25 de Abril. Mas permitam-me, com clareza absoluta, que diga, que o 25 de Abril não é desvalorizável, não é equiparável, nem é subestimável. É a data maior da história contemporânea de Portugal, um momento fundador da nossa liberdade e o ponto de partida para tudo o que hoje somos, enquanto comunidade política. E assinalar o 25 de Novembro, não é, nem pode ser, uma tentativa de reescrever esse fundamento.-----

Assinalar o 25 de Novembro, é celebrar Abril, e aquilo que só Abril iniciou: a liberdade e o desejo de democracia. É reconhecer a importância e o momento que permitiu consolidar aquilo que a revolução abriu, dando-lhe estabilidade pluralismo e futuro.-----

Liberdade e democracia, que devemos celebrar todos os dias, em cada gesto, em cada instituição, em cada debate e hoje não é exceção.-----

Minhas senhoras e meus senhores. Esta história não se escreve, sem referência a um partido político, que marcou, indelevelmente, esse caminho. O Partido Popular Democrático. Hoje, Partido Social Democrata. -----

O PPD/PSD, foi desde a sua fundação, em mil novecentos e setenta e quatro, um ator central, na afirmação de uma democracia parlamentar e moderada. Foi a voz decisiva contra radicalismos de esquerda e de direita. Foi a força estabilizadora, quando o país precisava de serenidade. Foi a ponte, onde outros erguiam muros e foi, sobretudo, um defensor consistente da liberdade política e económica de Portugal, que viria a consolidar com a Constituição de mil novecentos e setenta e seis e as respetivas revisões constitucionais. A integração europeia e a institucionalização do poder local democrático. -----

Hoje, passados quase cinquenta anos, afirmar essa verdade histórica, não é um exercício partidário. É um exercício de memória democrática. -----

Minhas senhoras e meus senhores, em democracia, as diferenças contam. São saudáveis, são sinal que a pluralidade vive, de que a sociedade não é uniforme, de que há várias vozes e várias visões para o mesmo território. -----

Trazemos para o debate político, as nossas discordâncias. E ainda bem que o fazemos. É a partir delas que construímos o futuro, também, aqui em Loures. São elas que nos obrigam a pensar melhor, a justificar melhor, e a executar ainda melhor. E, muitas vezes, a encontrar soluções mais equilibradas. Mas por vezes caímos no exagero. Focamos o debate político, apenas e só, no que nos separa.-----

Fechamo-nos em trincheiras partidárias. Proferimos discursos, mais do que discutir e dialogar. Como tal, acho que o princípio é o diálogo. Contestar mais, do que procurar pontos de encontro. Hoje, porém, é uma excelente data, um ótimo dia, e um ótimo pretexto, para tentarmos fazer o contrário. Reconhecer aquilo que, apesar de tudo, partilhamos. -----

Não precisamos de ser idealistas. Basta sermos objetivos. Podemos discutir o investimento numa rua ou o equipamento de um parque urbano. Mas ninguém põe em causa a existência de um Poder Local Democrático, eleito, livremente, pelos cidadãos. -----

Podemos divergir sobre prioridades orçamentais ou sobre a melhor forma de gerir os recursos municipais. Mas já não discutimos os fundamentos de uma sociedade livre, plural e de economia de mercado.-----

Podemos discordar sobre muitos assuntos aqui do Município. E discordamos. Mas nenhum de nós advoga, que os seus adversários políticos, devam ser silenciados, intimidados, perseguidos, ou mesmo, extintos. Até porque, acreditamos que estamos todos aqui a procurar o melhor para a população.--- Mas nem sempre foi assim. Nada disto era assim. Em mil novecentos e setenta e cinco, algumas das diferenças, eram discutidas à bomba. Literalmente. O medo, era uma variável de ação política, e a coação era uma ferramenta usada por minorias, que pretendiam impor a sua visão, ao conjunto da sociedade. --- Viemos desse tempo de instabilidade e de ameaça, de ausência de garantias, para um momento em que as ideias se debatem em liberdade, com serenidade e com respeito pelas regras democráticas. ----- E aqui estamos hoje, na Câmara Municipal de Loures, a debater, livremente, as nossas ideias. Que privilégio extraordinário é este! ----- Debater em liberdade, aquilo que nos separa, sem esquecer que o debate só é possível, porque existe um chão comum, que partilhamos e que construímos, ao longo de décadas. ----- Esse chão comum, chama-se democracia, chama-se responsabilidade cívica, chama-se liberdade conquistada e preservada. Esse caminho histórico não aconteceu por acaso. Exigiu coragem e escolhas difíceis. A grande conquista do 25 de Novembro, foi permitir que Portugal se reconciliasse com o espírito originário do 25 de Abril, plural, pacífico, europeu. Aberto ao mundo e fiel aos valores universais da liberdade política. ----- Minhas senhoras e meus senhores, para os Vereadores do Partido Social Democrata, em Loures, esta sessão solene tem um significado muito especial. Foi um desejo nosso, persistente, paciente, e convicto que hoje se concretize. Esta cerimónia, honra o passado. Enobrece o presente desta autarquia. E projeta o compromisso democrático que queremos para o futuro do Concelho. Celebramos, hoje, o país que conseguimos ser. Celebramos o Município, que construímos em democracia, com o contributo de todos, sem exceção. Eleitos, funcionários, cidadãos, associações, forças vivas do Concelho de Loures. ---- A todos os lourenses que, com bravura e visão, agiram, para que isto fosse possível, muitas vezes com risco pessoal e com prejuízo próprio, o nosso, sentido, muito obrigado. -----

A todos os que ajudaram a reconstruir o país, no dia seguinte ao 25 de Novembro, o país que reconciliou liberdade e estabilidade, o nosso reconhecimento cívico. -----

E se hoje podemos debater livremente em Loures, é a eles que o devemos. E depende de nós, autarcas, honrar este legado.-----

Depende de nós, manter vivas as instituições, valorizar o diálogo, proteger a liberdade, respeitar o adversário e servir os cidadãos com humildade, responsabilidade e espírito democrático. Que continuemos, todos, a contribuir para esta história. -----

Viva o 25 de Novembro, viva o 25 de Abril, viva a democracia, viva a liberdade, viva Loures, viva Portugal!-----

---

O VEREADOR, SENHOR BRUNO NUNES: Senhor Presidente, quero cumprimentá-lo a si, cumprimentar todas as entidades que aqui estão presentes, autarcas, público aqui presente e quem nos acompanha em casa. - Antes de mais, não posso começar sem fazer um lamento. Um lamento da não presença assinalável da Presidente da Assembleia Municipal. Um lamento de as páginas oficiais da Câmara Municipal de Loures, não terem feito nenhuma referência ao 25 de Novembro. Das páginas da Assembleia Municipal não terem feito nenhuma referência ao 25 de Novembro. -----

Mas afinal, o que estamos aqui a fazer e a celebrar? Afinal, fazia sentido, ou não, fazer esta cerimónia? Há quem tenha medo de assumir o passado. Há quem tenha medo e acha que não devemos tocar na ferida. Ninguém coloca em causa, a importância do 25 de Abril. Ninguém quer comparar datas. Ninguém quer colocar uma data acima da outra, ou uma “guerra” acima da outra. Aqueles que fazem a luta entre a esquerda e a direita, entre o negro e o branco, entre o pobre e o rico, nem sequer estão cá. Graças a Deus! Ainda bem que não estão. Tornam a cerimónia muito mais digna. Com tudo o que fizeram durante o período que faço tensão de relatar. -----

E não somos nós que estamos a reescrever a história. Só não a queremos deixar apagar. Não queremos reescrever nada. O Chega, em mil novecentos e setenta e cinco, não existia. Foram homens como o Mário Soares, que fizeram o 25 de Abril. Foram homens como o General Ramalho Eanes e como o Jaime Neves. Só não aceita o 25 de Novembro, se tiver falta de memória ou iliteracia histórica. -----

Vejam o discurso, na Alameda, de Mário Soares, quando chamou ao PCP, de paranoicos. Não fui eu! Está lá. A paranoia que imperava, de nos tornar uma célula da União Soviética. Algo parecido com Cuba. Os soldados unidos venceremos. -----

O PREC - Processo Revolucionário em Curso, que é uma vergonha estar aqui. Fuzilamentos que eram simulados. Gente que era detida, por um dos maiores traidores da pátria, o Otelo Saraiva de Carvalho, que dava ordem de detenção, como deu ao saudoso General Almeida Bruno. -----

Ordens do COPCON - Comando Operacional do Continente, que nem assinadas estavam. Saneamento dentro dos quartéis, de punho no ar. Uma perseguição política, como nunca tinha acontecido. E ninguém tem saudades do passado. Ninguém quer voltar ao vinte e quatro de abril de setenta e quatro. Queremos, apenas, que seja feita justiça histórica. Justiça que os livros não cometem. E que existe responsabilidade do Partido Social Democrata e do Partido Socialista, que governaram ao longo dos últimos anos, e que não quiseram colocar na história, aquilo que aconteceu. Mais de quatrocentos detidos em Caxias. E porquê? Porque tinham uma opinião política diferente. Onde é que estava a liberdade? Que liberdade conquistada no 25 de Abril? Quando na noite de 25 de Abril, traíram de imediato. Que história é essa da descolonização, da forma como o fizeram? E o que fizeram os retornados, como lhes chamam? Que foram espoliados, foram roubados, e que toda a gente batia palmas. Alguns até diziam, "*atirem-nos aos tubarões*". O que é que acontecia na altura? Racismo. Porque foram expulsos da terra que era sua porque eram brancos. E xenofobia. Porque foram expulsos da terra que era sua. Porque eram portugueses. -----

Foi um período complicado, que durou um ano e meio. E que mesmo aqueles que estão ausentes, é por falta de conhecimento histórico. Porque um dos vencedores, também na noite de vinte e cinco de novembro, foi o próprio PCP. Porque conseguiu travar a extrema esquerda. Palavra que temos medo de dizer em Portugal. Constantemente, aludimos à extrema direita, ao perigo do que aí vem. -----

Mas ficamos calados e assistimos a tudo o que ali estava. Regimes autoritários e totalitários, que tentam trazer à memória, o pior que existe na humanidade. Seja ele o nazismo ou o comunismo. Mas sempre estivemos. -----

Quando a esquerda, ou a estrema esquerda, que não está presente, diz determinadas frases, é história. Quando a direita diz alguma coisa, é populismo. É radicalismo. E foram muitos aqueles que fizeram história, neste país. Partidos que foram perseguidos, e em mil novecentos e setenta e cinco e mil novecentos e setenta e seis, já não estávamos em ditadura. O CDS, teve o seu congresso no Palácio de Cristal, cercado. Setecentos congressistas cercados. Onde é que estava a liberdade? Onde é que estava a liberdade de imprensa e a redação, que era feita nos jornais em Portugal, controlados pelo Comité Central. Numa altura em que Álvaro Cunhal era reconhecido e condecorado pela União Soviética, que queria utilizar Portugal, como a sua ponta periférica, usando as nossas ilhas, como a parte e a porta de entrada no Atlântico, olhando para o facto de serem ultraperiféricos e poderem governar como queriam.-----

E nós calamo-nos e fazemos ruas e avenidas, com, por exemplo, o nome do Álvaro Cunhal. Há ruas com o nome de Che Guevara, em Portugal. Com o nome do Otelo Saraiva de Carvalho, que até foi condecorado. E nós chegamos a esta altura e dizemos *“esta data não tem que existir”*. Mas esta data existiu. É um facto. E são pessoas como a ex-Secretária de Estado da Educação, atualmente Presidente da Assembleia Municipal de Loures, que tem a responsabilidade, de nunca ter permitido que entrássemos nos manuais escolares. Temos que chamar as coisas pelo nome. Temos que dizer a verdade.-----

Não é guerra com ninguém. É apenas fazer justiça. Não é medir a importância de um com o outro. É porque se não fosse o 25 de Novembro, os valores de Abril não teriam sido repostos. É só isso. É só isso! Porque traíram naquela noite. Porque foi muito, o que aconteceu a seguir. E agora é que temos o ataque às Instituições. Porque queremos fazer revisionismo histórico. Ataque às Instituições?! No dia doze de novembro de mil novecentos e setenta e cinco, a extrema esquerda, que hoje está ausente, cercou a Assembleia da República. Meter um cartaz na Assembleia da República, é radicalismo. É afronta à democracia. Cercar e tornar reféns, os Deputados da República, foi um ato de coragem do PCP. O PCP, conseguiu manietar os sindicatos, como faz hoje em dia. Com o seu braço armado na rua que é a CGTP, ao qual o Partido Socialista, hoje, tanta confusão me faz. -----

Mário Soares ergueu, sempre, um muro ao PCP. Alguns dos seus filhos, e digo filhos, olhando-o como pai fundador do Partido Socialista, permitem que eles

passem. Não passam. Nunca irão passar. O que eles tentaram fazer, foi, deveras, grave.-----

Zita Seabra, que saltou para o lado do PSP, há pouco tempo, dizia que o Comité Central, sabia que naquela noite do 25 de Novembro, estavam prontos com os estudantes armados. Só que Álvaro Cunhal não deixou que viessem para a rua e que fosse dada a ordem, porque percebeu que tinham menos armas.-----

Eles estavam prontos para nos transformar em algo muito diferente, que não era democrático. E voltou a repetir: na Alameda, foi bem claro. Quando Mário Soares levantou o punho, apontou para eles e disse “esses paranoicos”.-----

Sempre tiveram uma visão muito deturpada daquilo que é a democracia. Lidam mal com a democracia. Tanto assim é, que a liberdade deles, é não estarem aqui presentes. Sabem perfeitamente porque é que não estão. Sabem o que fizeram. Sabem que são os herdeiros de uma fase vergonhosa.-----

Chegados aqui, quero agradecer a todos os partidos políticos com assento nesta Câmara Municipal, a todos, o espírito democrático. Independentemente de gostarem mais de uma ou outra data, de sentirem que nós temos mais ou menos razão, acharam que era justo fazermos as comemorações. E este ano com cinquenta, para o ano com cem, seja os que forem. Esta data tem que ser focada. Ainda para mais, porque no nosso Concelho, existe um facto histórico referente ao 25 de Novembro. Muita coisa aconteceu nos RALIS. Muita coisa aconteceu nas ruas da Portela. Muitas coisas passaram por aqui. E nós temos tanto, mas tanto, de história neste Concelho. Não foi só aqui que se proclamou a República um dia antes. Foi aqui que mataram Adelino Amaro da Costa e Francisco Sá Carneiro. Foi aqui que tentaram parar o Movimento de Direita. E recordemos, que é graças ao 25 de Novembro, que os valores de Abril foram repostos e conseguimos fazer eleições livres, porque as eleições só foram em setenta e seis.-----

Se estávamos assim tão livres em setenta e quatro, porque é que não fizeram eleições? Porque Vasco Gonçalves, o militante duzentos e trinta e nove, do Partido Comunista, o camarada, achava que, ou estávamos do lado da revolução, ou estávamos do lado da reação. E que não podia ser de outra maneira. Depois existem políticos confusos, ideologicamente, que andam perdidos. Quando ouço Carlos Moedas dizer que estava disposto a fazer um busto a Vasco Gonçalves, estudem. Vejam o que foi feito aos nossos partidos, à direita à esquerda, à democracia. Ninguém é contra o pluralismo de opinião.

Não somos um conjunto de carneiros que temos que pensar todos da mesma maneira. Temos divergências, muitas delas sérias. Mas temos que as debater. Olhos nos olhos e com frontalidade. Sem armas, sem bombas, como as FP25. Sem matar crianças. Sem executar, com tiros na cabeça, oficiais da GNR. Não é assim que se resolve. E esta era a democracia que vivíamos durante o período do PREC. O maior ataque à propriedade privada. Invadiram tudo. Traíram o Alentejo. A reforma agrária. A terra é de quem a trabalha. Paralelamente, invadiram bancos, matavam na Figueira da Foz e hoje as suas descendentes gritam “*25 de Abril sempre*”. -----

Ocupavam o paquete de Santa Maria, matavam, mas “*25 de Abril sempre*”! E ainda gozam. Porque ainda dão entrevistas a dizer que na altura os assaltos eram necessários e que as armas eram quase como bisnagas. Brincadeira. Vidas em risco. Não há uma data mais importante que a outra. Não temos que estar a medir datas. Não temos que estar preocupados com isso. Ninguém vem tentar abafar o 25 de Abril. O que queremos, é que seja feita justiça. É um grande homem que ainda hoje esteve na Assembleia da República, que teve a ponderação, em conjunto com o Jaime Neves, de travar aquilo que o Partido Comunista Português, a ala radical do MFA – Movimento das Forças Armadas, estava a fazer. -----

E se não fosse Jaime Neves, se não fossem os comandos da Amadora, se não fosse a Força Área, tanto coisa podia ter corrido mal, se naquela noite, António Ramalho Eanes, não tem travado, o que tinha para travar. -----

Sempre colocaram esta história como se fosse uma guerra entre a esquerda e a direita. Curioso é ler a história. Quantas altas figuras da esquerda, nomeadamente, altos dirigentes do Partido Socialista, foram advogados daqueles que estavam presos, apenas por perseguição política. -----

A história tem que ser contada como ela é e não somos nós que queremos que seja interpretado à nossa maneira. Existe documentação. Existem provas. Paremos com isto. Podemos interpretar como quisermos, o quinze de janeiro de mil novecentos e setenta e cinco, a forma como entregaram as colónias, com o acordo do Alvor, com traidores como Rosa Coutinho, como Melo Antunes, que não entregaram as colónias. Abandonaram as colónias. Abandonaram os portugueses que lá estavam. Abandonaram os combatentes. Mais tarde fizeram o Acordo de Argel. E faltava-lhes tanta gente como quadro.

No caso de São Tomé e Príncipe, escolheram um que fosse São Tomense para ficar à frente dos destinos, porque era do MFA. -----

Foi brincadeira tudo o que fizeram. Foi brincadeira. Existiram muitos homens a lutar por isto. Muitas mulheres também. Não queremos atacar a democracia. Não olhamos para isto como sendo um aproveitamento de vir aqui e agora vem o saudosismo. Não é nada disso. A única coisa que nós queremos com esta cerimónia, é que não se oculte o que aconteceu e saber porque é que ocultaram durante tanto tempo. Porque é que não há uma rua Jaime Neves? General Ramalho Eanes? Não merecem? É simbólico? É verdade. Mas porque é que continuamos com isto. O revisionismo histórico que foi aquilo que têm feito até hoje.-----

É decadente, inclusive, ver o nosso Presidente da República, no ataque que faz à memória daqueles que tombaram. Não consigo perceber. Seu pai, Baltazar Rebelo de Sousa, foi nomeado pelo Estado Novo para ser governador de Moçambique. Que vergonha terá ele nisso? Que problema tem ele com isso? Que problema tem Marcelo Rebelo de Sousa, com o seu passado histórico? -----

Nós não temos que fazer revisionismo. Não temos que ocultar datas. Era impensável, para nós, ocultarmos uma data como o 25 de Abril. Agora, se consideramos que existiu traição, imediatamente após o 25 de Abril, consideramos.-----

Se consideramos que todos são traidores? Não. Mas os traidores têm nome. E devem ser ditas as verdades.-----

Portanto, senhor Presidente, para concluir, quero dizer que enquanto o Chega tiver representação nesta Câmara Municipal, nesta Assembleia Municipal e nestas Freguesias, traremos todos os anos a necessidade de fazer a cerimónia do 25 de Novembro, porque acreditamos que foi o dia que complementou Abril, que se fez justiça, a todos aqueles que, de forma esperançosa, saíram à rua, no dia 25 de Abril e que, em pouco tempo, perceberam que tinham sido traídos. Nas empresas, nos sindicatos, nos saneamentos e na forma vergonhosa como geriram tudo.-----

Portanto, não tenho problema de o dizer, 25 de Novembro, sempre, apropriando-me de uma frase que é de Abril, mas, mais do que isso, não vou dizer comunismo nunca mais, porque nunca existiu cá, como eles queriam. Mas comunismo nunca. Obrigado.-----

O VEREADOR, SENHOR ANDRÉ ANTUNES: Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhora Vice-Presidente, senhoras e senhores Vereadores, senhor Presidente da Junta de Freguesia de Loures, excelentíssimos senhores e senhoras eleitos da Assembleia Municipal presentes, aos excelentíssimos senhores convidados e entidades representadas, caras e caros munícipes, técnicos do Município e comunicação social presente. -----

Reunimo-nos hoje, para evocar, com sobriedade e elevado sentido democrático, o 25 de novembro de 1975, uma data com a sua relevância histórica, no percurso da nossa democracia. Falar do 25 de novembro, é falar de reconciliação, de liberdade e de maturidade coletiva e é impossível fazê-lo, sem recordar o papel ponderado, responsável e construtivo de Mário Soares, fundador do Partido Socialista e, acima de tudo, artífice da democracia pluralista que hoje nos une. -----

Mário Soares, relembrou, que aquele dia foi a travessia da revolução, para a democracia representativa, um regresso à pureza inicial do 25 de Abril, onde se debate livremente e em que as armas cedem lugar à palavra. Não se tratou de apagar ideias ou ideais, mas de garantir que a disputa política, se faria em liberdade e em espírito democrático, rejeitando qualquer totalitarismo, à esquerda ou à direita. -----

Com moderação, mas com firmeza, defendeu que a reconciliação natural, dependia do respeito mútuo e da inclusão das diversas sensibilidades políticas, reconhecendo o próprio, que o 25 de Novembro, marcou o fim da tentação revolucionária armada e o início da política feita nos órgãos de soberania. -----

Com ele à cabeça, numa liderança civil, Portugal soube evitar o abismo da divisão e enveredou pelo caminho do compromisso democrático, em que, citando-o “*De uma só vez, o 25 de Novembro sufocou as veleidades suicidas da extrema esquerda e cortou as vidas à extrema direita*”. -----

Relembramos, neste dia, a defesa da liberdade florescida com a Revolução dos Cravos. Abril, é a origem e a razão da nossa democracia. Novembro, trouxe a consolidação da democracia pluralista, num ambiente político de convivência cívica e a garantia da democracia como um destino coletivo. -----

A coragem e a responsabilidade, permitiram ao nosso povo, evitar o caminho das divisões fratricidas e confirmar, de forma inequívoca, o compromisso

nacional com o regime democrático. O processo que vivemos em Portugal, nos meses quentes da nossa História recente, foi decisivo. -----

Quando algumas vozes procuravam impor, pela força, um modelo político incompatível com os valores de Abril, foi escolhida, com coragem, a via da estabilidade e da paz social, baseadas num debate livre e numa convivência democrática. -----

Baseemo-nos, sempre, em factos. Às várias gerações dos filhos e netos da Democracia, que, como eu, não viveram o período de revolução em apreço, cabe-nos conhecer todos os factos e beneficiar, ainda, dos relatos dos nossos pais e avós, sobre os tempos que viviam com limitações na liberdade, no acesso à educação, à saúde, num SNS inexistente e a liberdades individuais que hoje temos como avanços civilizacionais básicos. Baseemo-nos no que a história consolidou e não deveremos ser condescendentes com quem, após cinquenta anos decorridos, poderão ter a tentação de reescrever o passado atrás de inovadoras formas de comunicação. A nós e às futuras gerações, deveremos ter a destreza, determinação e coragem de defender a Democracia, o regime político menos imperfeito de todos. -----

A democracia é um caminho de diálogo, inclusão e respeito pelas diferenças. É esta visão, que deve inspirar cada um de nós, especialmente os mais jovens, chamados a manter viva, a chama da liberdade. A democracia, é o espaço onde se encontram as ideias, onde se decide com liberdade e responsabilidade, longe de extremismos e dogmatismos. -----

Quero destacar a importância do Poder Local Democrático, onde todos os dias, mulheres e homens, no verdadeiro espírito da missão pública, essencial na aplicação de políticas concretas, com vista à melhoria da qualidade de vida dos nossos cidadãos, num motor de desenvolvimento social, económico e cultural, onde Loures continua, atualmente, a ser um exemplo de ações de proximidade e de um trabalho contínuo, onde direitos e deveres, são a essência da transformação social, por mais justiça, igualdade e fraternidade. -----

A defesa dos direitos e garantias fundamentais, deve nortear-nos, no passo que consolidou a nossa determinação, numa democracia firmada no respeito e na premissa que todos somos iguais e parte fundamental de uma nação, cuja história está escrita numa dimensão maior da memória coletiva dos povos no mundo. -----

Que esta evocação, nos inspire a todos. Cidadãos, autarcas, servidores públicos, a promover diariamente uma democracia viva, participada e tolerante, aberta a todos, que contemple as diferentes perspetivas e sensibilidades. O compromisso de cada um, com a comunidade local, deve assentar no respeito absoluto pela liberdade, na defesa incessante da paz social e no reforço permanente das instituições representativas. -----

A liberdade, essa conquista de povos verdadeiramente grandes, exige vigilância, responsabilidade e abertura de espírito. Hoje, renovar este compromisso, é homenagear e cumprir com o legado de quem agiu com coragem, para evitar o abismo da divisão. É saber, que a liberdade exige responsabilidade, tolerância, capacidade de escuta, respeito pelos diferentes e recusa de extremismos. É, finalmente, entender que as datas fundadoras da nossa vida coletiva só fazem sentido se nos inspirarem todos os dias à defesa dos valores democráticos. -----

Viva a liberdade! Viva a democracia! Viva Loures! Viva Portugal! -----

---

O SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA: Quero agradecer a forma elevada, como os senhores Vereadores intervieram aqui hoje, dando nota daquilo que entendem, com a liberdade de cada um, do que foi, de facto, o 25 de Novembro e a importância que ele teve, na minha opinião, para a consolidação da nossa democracia. Muitos de nós aqui, são filhos da democracia. Eu sou. Nasci em mil novecentos e setenta e cinco e, por isso, aquilo que sei, é aquilo que os meus pais me transmitiram. -----

Eu sou de origens alentejanas. Por isso, sei bem o que foi o PREC, no Alentejo. O meu avô sofreu com o PREC, no Alentejo. Por isso, esteja ele onde estiver, com certeza que estará orgulhoso, de o seu neto comemorar os cinquenta anos do 25 de Novembro, no Concelho de Loures. -----

Queria, ainda, dar aqui algumas notas, e falo em meu nome, como Presidente de Câmara, o 25 de Novembro, foi uma data importante, um momento crucial, para aquilo que foi a consolidação da nossa democracia, vivendo nós, como hoje estamos, em liberdade. -----

Em nada apaga a importância do que foi o 25 de Abril. Em nada desta sessão evocativa do 25 de Novembro, apaga a importância do que foi o 25 de Abril. Por isso deveremos comemorar o 25 de Abril, sem vergonha. Assumindo que

é uma data importante da consolidação da nossa democracia. E repito, que fique claro, que nada apaga a importância do 25 de Abril. -----  
E até não despindo a minha militância, que sou, do Partido Socialista, não me envergonha nada, porque sei bem o papel como já foi aqui referenciado, do nosso fundador, o Mário Soares, naquilo que foi o seu papel no 25 de Novembro. Por isso, quem é do PS, deve fazê-lo, até em homenagem, do papel que o Mário Soares teve, nesta consolidação da nossa democracia, no 25 de Novembro.-----

Por isso, dizer que o Município de Loures agradece a todos os Vereadores e a todos os partidos políticos, à exceção, obviamente, da CDU, o facto de estarem presentes, porque, de facto, nós vivemos em liberdade, cada um expressando a sua opinião de forma livre, porque é assim que deve de ser. Aqui, ninguém está a querer recriar história. Ninguém está a querer fazer nada disso. O que é importante aqui, e acho que Loures andou bem, neste caso, a Câmara Municipal de Loures, andou bem, naquilo que é a homenagem digna do que foi o 25 de Novembro.-----

Poderemos ter falhado na comunicação. Mas o que é facto, é que fizemos história também aqui. É a primeira vez, que o Município de Loures está a comemorar o 25 de Novembro. E fizemo-lo por vontade de todos. À exceção de alguns, obviamente. Mas foi, também, por vontade do Presidente da Câmara, porque se não houvesse essa vontade, até pela democracia, em consequência das eleições autárquicas, tinha dito que não.-----

Mas não foi isso que nós quisemos. Aliás, não foi essa a minha opinião sempre. Por isso, quero agradecer-vos a forma elevada e democrática, e acho que nós significámos aqui, aquilo que foi a primeira comemoração do 25 de Novembro, no nosso Concelho de Loures.-----

Por isso, termino, da mesma forma como comecei. Em nada do que hoje estamos aqui a fazer, ou outras sessões que poderemos vir a fazer do 25 de Abril, e vamos, com certeza, fazê-las, em nada substitui o que foi a importância do 25 de Abril. Em nada. E eu estou muito bem com essa consciência. Estou muito bem, em estar aqui hoje a comemorar o 25 de Novembro, porque estou bem ciente daquilo que foi o 25 de Novembro e bem ciente, também, daquilo que foi o 25 de Abril.-----

Termino, mais uma vez, agradecendo a todos, aos senhores Vereadores, à senhora Vice-Presidente da Câmara, aos nossos convidados, o facto de

estarem aqui presentes, significando, obviamente, esta data, porque, acima de tudo, significámos esta importante data de consolidação da nossa democracia. Por isso, termino pedindo um Viva ao 25 de Novembro. -----

---

---

--- Eram dezanove horas quando foram encerrados os trabalhos constantes da Ordem do Dia, nos termos que ficam descritos. -----

---

--- A reunião foi secretariada pela Diretora do Departamento de Administração Geral. -----

---

--- A PRESENTE ATA FOI APROVADA POR VOTAÇÃO NOMINAL E POR UNANIMIDADE, NA REUNIÃO DE DOIS MIL E VINTE E CINCO, DEZEMBRO, QUATRO, NÃO TENDO PARTICIPADO NA VOTAÇÃO O SR. VEREADOR GONÇALO FILIPE VINTÉM CAROÇO E A SR<sup>a</sup> VEREADORA ANA CATARINA FERREIRA MARQUES, POR NÃO TEREM ESTADO PRESENTES NA REUNIÃO. FOI DISPENSADA A SUA LEITURA UMA VEZ QUE A MESMA HAVIA SIDO DISTRIBUÍDA PELOS MEMBROS DO EXECUTIVO, COM ANTECEDÊNCIA, NOS TERMOS DO DISPOSTO NO ARTIGO 4.<sup>º</sup> DO DECRETO-LEI N.<sup>º</sup> 45 362, DE 21 DE NOVEMBRO DE 1963. -----

O Presidente da Câmara,

A Secretaria,